

Cartas

190

PATAXÓS

Sr. redator: "O brasileiro, notadamente seu mundo cultural, não se apercebeu ainda do autêntico genocídio que se está cometendo contra os índios Pataxós, essa tribo que desde antes da descoberta do Brasil habita a área onde hoje se encontra Porto Seguro, Cabralia e pontos habitados daquelas praias. Os Pataxós são nossos ancestrais. Foram eles que, gentil e pacificamente, receberam Cabral e seus companheiros, naquela tarde de 22 de abril de 1500. Assistiram, admirados, aos atos religiosos, iniciados na Coroa Vermelha, com missa no dia 24, marcharam na procissão e elevação da cruz em terra firme, a 1.º de maio, e testemunharam o batismo da nossa Pátria, quando lhe botaram o nome de "Terra de Vera Cruz". A nada se opuseram. Ao contrário: ajudaram na aguada da esquadra, conduziram nos ombros a madeira para a confecção da cruz e para o conserto de navios, e ainda levaram lenha para as cozinhas de bordo. Dançaram ao som das gaitas portuguesas e tudo fizeram para a boa acolhida daquela gente insólita, que parecia estar ali em visita, quando na realidade de pronto se apossava das suas terras. Serviram-se ainda os visitantes de suas mulheres, e depois da pacífica acolhida, não sabiam eles que naqueles instantes nascia um esplêndido País que, no futuro, seria o nosso.

Os portugueses vinham cansados, batidos de tempestades, navegando por mares desconhecidos e temerosos, por mais de 40 dias. Foi um refrigério encontrarem tão boa gente, que os refazia para prosseguirem no caminho da Índia. Os dois desterrados Afonso Ribeiro e João de Toivar, foram acolhidos sem nenhuma objeção, assim como dois marinheiros fugidos da esquadra. De acordo com a lenda, aplaudida por Aureliano Leite, foi Mani, a princesa dos Pataxós, então com cerca de 18 anos, que teria sido a primeira mãe brasileira. Casara-se com o desterrado Afonso Ribeiro e deles nasceu o primeiro brasileiro: Itarudá, filho do Amor e da Liberdade. É bom que essas lendas existam e sejam divulgadas para a melhor consolidação de um feito de tamanha magnitude. Os Pataxós não compõem assim uma tribo semelhante às demais. Foram, de qualquer forma, nossos antepassados. É preciso dizer que o índio não é brasileiro. É muito mais que isso: é um patrimônio da humanidade. O brasileiro não anda como ele, não tem seus costumes, sua religião, sua língua. O índio não erra nunca, como índio. Era o dono de tudo, pois não doou, não vendeu, nem negociou suas terras. Tudo lhe arrebatou o branco, em nome da conquista dos civilizados, que ele nem sabe o que significa ou que exista.

A ganância e a impostura do branco transformaram a propriedade do índio num furto, a colaboração num massacre, a liberdade em escravidão. Com os Pataxós ocorre muito mais que isso. Querem expulsá-los de onde estão desde tempos imemoriais, eles que ajudaram a fundar a Nação. A voragem imobiliária é a autora desse crime, com a conivência do

silêncio. Já somos 120 milhões de prisioneiros, presos dentro das fronteiras, sem poder sair delas se não tivermos o consentimento do dólar - que trocamos por café, açúcar, minérios, cacau, todas as riquezas do nosso solo, por papel, seja na forma de cédula estrangeira ou em sua forma real. O Brasil é ainda o único país do mundo que planta combustível (álcool) e que tem a insensatez de ligar seu preço ao do petróleo dos árabes, fazendo com que seu valor seja ditado por eles e não por nós. Depois de sofrermos tudo isso, ainda permitimos que se esfacem nossas origens. Jamais faria isso qualquer povo que preza o seu passado.

O que mais preocupa é o silêncio, a indiferença, em torno de tão grave problema. A Funai, os institutos históricos, os estudiosos estão calados, como se nada estivesse ocorrendo. Vão lá e vejam o que se está passando hoje em Porto Seguro! Era o caso de as escolas, dos professores de História do Brasil (se ainda se estuda essa matéria), do próprio Ministério da Educação, se oporem decididamente a tamanho genocídio cultural. Apenas D. Avelar Brandão, arcebispo de Salvador, erigiu timidamente a voz. Não é o bastante. A Unesco, que proclamou Ouro Preto e Olinda patrimônios universais, ainda não cogitou de fazer, com maior razão, o mesmo em Porto Seguro e Cabralia. Ali foi o berço de uma das maiores nações da Terra. A primeira mãe brasileira, o primeiro brasileiro, surgiram naquelas praias, sem falar na miscigenação das raças que deram origem ao brasileiro primitivo, o mameluco.

Em certos tempos da Índia, quando o visitante toca inadvertidamente em algo sagrado para a Nação, o vigia dá tamanho grito e faz tal alarido, que espanta o visitante, como se sentisse ter praticado, naquele momento, um sacrilégio. Em Porto Seguro deveria ser erguido um monumento à nacionalidade, onde a Pátria inteira festejasse o aniversário, todos os anos, com festas e reprodução daqueles instantes em que duas raças se entrelaçaram para marchar unidas e fundarem um imenso País: o nosso. E os guardiães desse monumento deveriam ser os Pataxós." - Luís Wanderley Torres, Procurador aposentado da Justiça.

REAGAN

Sr. redator: "Quando estive em Nova Iorque, o dono de uma loja perguntou: "de onde o senhor é?". "De São Paulo", respondi. "São Paulo, na Argentina?" "Não. São Paulo, na Bolívia", retruquei. Esse cidadão, possível conhecido do presidente Ronald Reagan, pode ter ensinado a ele essa "nova" geografia (se São Paulo é na Bolívia, Brasília também é). Relatei, em inglês, esse fato no meu livro "A Face Oculta da Lua", que talvez o presidente Reagan tenha lido. Por que não? Norteamericano é tão "vidrado" em Lua que foi conhecê-la in loco. Só me resta assumir, perante o povo boliviano - épa, brasileiro -, a responsabilidade pelo fora que não intencionalmente levei o presidente Reagan a cometer". Adervan Machado, Perdizes.